

NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DE ALMOFALA

HÉLIO DE QUEIROZ DUARTE

QUASE UMA INTRODUÇÃO

Há um vento forte que sopra no litoral do nordeste brasileiro. Vem do mar e se adentra pelo sertão onde, por vezes, acaba-se amontoando, já distante da orla marítima, em lombadas de apreciável altura.

Quase sempre a migração das partículas é devida à força, à permanência e à invariabilidade da direção do sopro que se faz acompanhar pela contínua, lenta e pertinaz deposição dos grãos de areia. Assim se formam as dunas.

Em sua cega marcha carrega o vento o soterramento que, forçosamente, há de acontecer se algum obstáculo se interpuser em sua rota e, soprando, assobiando e bailando, lá se vai, pois que, como disse o poeta ... "el viento és buen bailador..." E, porque sabe o que quer: não se apressa nem se desvia.

É como se fosse um demônio solto, possuidor de estranha e invejável força. Muda cursos de rios, obstrui portos e, sempre em crescendo, vai derubando muros, descobrindo telhados, crestando vegetais, soterrando edifícios, mudando a paisagem, a ecologia e o homem.

Nunca age à sorrelfa, previne sempre; ameaça, mas espera, dando tempo ao tempo.

Leinz e Amaral, no livro Geologia Geral, citam o caso da fortaleza da "Ponta da Praia" no Estado do Maranhão que, segundo eles, estará ... "fatalmente destinada a desaparecer soterrada pelas areias caso não se tomem

providências contra essa contínua e ameaçadora deposição eólica"... e, acrescentam ... "lembrando os exemplos das cidades e dos monumentos que, no continente africano, foram sepultados pelas dunas"...

Constitui o vento, para certas localidades, um terrível flagelo. No princípio, apesar da firmeza com que sopra, não chega a exasperar pois vem chegando como quem nada quer, com aquele seu jeito assobiante e brincalhão, para depois só ser apercebido quando, na continuidade de ação, for avançando, forte e seguramente, sempre a depositar a areia com aquela assustadora constância que é uma das suas maiores características; constância que, no entanto, pode deixar de assim permanecer se, por outras circunstâncias, mudar o vento de rumo e direção.

Então, repentinamente, como num quase-milagre, tudo volta ao normal!

Os espaços ressurgem, como que por encanto. As silhuetas dos volumes tornam-se, outra vez, nítidas. A vida, em torno, retoma os seus direitos mas, alguma coisa de insólito aconteceu — o tempo passou, gastou-se e, com ele, os homens se endureceram e já não sabem mais ver como antes sabiam, porque já não são, nem mais, os mesmos.

Tudo isso e alguma coisa mais foi o que aconteceu com a Igreja de N. S. da Conceição de Almofala, ressurgida mas ignorada. Primeiramente — capela — a serviço da catequese dos Tremembé; logo depois — igreja — no desempenho das missões de fé junto à humilde população de pescadores.

Os seus dois fatos mais importantes, no tempo, vale dizer — a sua primeira história e a sua outra estória — necessitam contadas para não acontecer com o que se me deparou quando, procurando informar-me a respeito de dunas, em livro especializado, porém brasileiro, encontrei um fato semelhante ocorrido em país europeu. Transcrevo: ... "Uma duna se formou nas proximidades de uma igreja. Como consequência a igreja foi totalmente soterrada, ficando somente a torre emersa das areias no alto da imensa duna. Felizmente a migração continuou e cerca de um século depois estava completamente descoberta"...

Para que ir tão longe buscar o exemplo!

Ele ali está à margem do Aracatimirim, na Terra do Sol onde tudo aconteceu da mesmíssima maneira! A igreja ficou soterrada deixando de fora apenas, como um mundo testemunho, a pequena flecha que encimava a torre, depois, muito tempo depois, o vento mudou e, pouco a pouco, desentranhou-lhe as areias descobrindo-lhe as fachadas.

A igreja viu-se então restituída, como ainda está hoje — ressurgida mas ignorada!

Não é uma lenda; nem mesmo uma estória; são subsídios para a história o que aqui vamos narrar, não a título de ingênuo passatempo, porém como um sério apelo de endereço certo: — aos responsáveis pelo destino das nossas coisas e da nossa História.

HISTÓRICO I — SOBRE AS ARIGENS

Creio não haver em toda a história do Brasil fato que se assemelhe ao que aconteceu à igreja de N. S. da Conceição de Almofala situada no povoado do mesmo nome, distrito de Itarema, município de Acaraú, entre o final do século XIX e a primeira década do século XX, conforme os vários mas descontraídos testemunhos. Entretanto, retirado um pouco do muito do haver lendário, corrigido portanto, algum excesso imaginativo, sobejam fatos realmente interessantes e dignos de menção para o conhecimento e a divulgação das nossas coisas e das nossas gentes — vale dizer — da nossa história.

Quanto fato ignorado deve ter ocorrido por esses brasis? Quantas circunstâncias dignas de registro estão, ainda, à espera de uma maior divulgação?

Quantos brasileiros, mesmo cearenses, saberão, por exemplo, que em sua terra já houve camelos?

De fato, catorze camelos foram importados da Argélia para solucionar o problema de locomoção e comunicação no clima quente e inóspito da Província do Ceará, lá pelos idos de 1850, e um deles teve a incrível honra de receber, a despeito da inusitada corcova, uma preciosa carga — o poeta Gonçalves Dias — o qual, mal saído de Fortaleza para uma longa viagem, interrompeu-a logo depois, em Paratuba, estafado e maltratado pela alimária a cujo trote não se afeiçoada ainda.

Bem, mas isto é uma outra estória, que com muito agrado, poder-se-á ler na engraçadíssima e pormenorizada "História da Expedição Científica", de Renato Braga.

Isto dito, voltemos a Almofala para, antes de empreender a narração dos eventos ali transcorridos, ajustarmos os seus contornos no tempo e no espaço.

Entre as principais fontes a que recorrem os estudiosos, apesar de algumas evidentes discrepâncias cronológicas, podemos citar as preciosas "Notas de Viagem", de Antonio Bezerra — primeiramente editada sob o título "Notas de Viagem no Norte do Ceará" — e, posteriormente publicada, com o primeiro título, pela Reitoria da Universidade Federal do Ceará; a curiosa e impressionante monografia "Almofala", do Padre Antônio Tomás, preciosíssima testemunha ocular do fato por ele mesmo narrado e que se encontra transcrita, na íntegra, no "Dicionário Geográfico e Histórico do Ceará", de Renato Braga; a "a estranha crônica" sobre a igreja de Almofala, de Gustavo Barroso, publicada numa coletânea de artigos desse autor no livro "À margem da História do Ceará"; uma ou outra citação do Pe. Dr. Serafim Leite, no volume III de sua "História da Companhia de Jesus"; algumas considerações sobre a arquitetura da igreja subscritas pelo arquiteto cearense José Liberal; um estudo do folclorista Florival Seraine sobre o "Torém", e, final-

mente, o livro já citado, de Renato Braga onde, à míngua de informes, poder-se-á tomar conhecimento de outros dados, não menos importantes, com vistas a uma melhor compreensão da narrativa do Pe. Tomás.

Começamos transcrevendo parte do "Dicionário Geográfico e Histórico do Ceará", onde são registradas duas entradas para a palavra "Almofala":

"ALMOFALA. — Pequena ens. à foz do Aracatimirim, dá acesso a embarcações até 100 toneladas.

ALMOFALA. — Pov. à m. esq. e um pouco acima da barra do Aracatimirim, no dist. de Itarema, à cerca de 15 km dessa localidade, mun. de Acaraú.

A sua origem prende-se à Carta Régia de 8-1-1697, determinando ao governador do Maranhão que se dessem de sesmarias aos índios todas as terras que lhes fossem necessárias entre a barra do Aracatimirim e o Timonha. A medida foi sugerida ao rei de Portugal pelo jesuíta Assenso Gago e visava situar os Tremembé, que perambulavam pela costa, em aldeias permanentes, livres de qualquer inquietação por parte das autoridades civis e dos moradores. Em consequência, o padre José Borges de Novais, que não era da Companhia de Jesus, fundou, em 1702, uma missão de Tremembé, no sítio Areocatamerim ou Aracatimirim, em torno de humilde capela sob o patrocínio de Nossa Senhora da Conceição. A princípio chamou-se Missão de Aracatimirim, depois, até 1763, Nossa Senhora da Conceição dos Tremembé e, a partir de 1766, perdeu o nome indígena, tomando o de Nossa Senhora da Conceição de Almofala, com a criação da freguesia a 12 de setembro. Por Dec.-geral de 5-9-1832 foi extinta a freguesia, passando a pertencer à de Nossa Senhora da Conceição da Barra do Acaraú. Foi restaurada pela Lei n.º 139, de 15-9-1838, e finalmente supressa pela de n.º 283, de 15-12-1842, que a integrou de novo na da Barra do Acaraú".

Parece, pois, que toda a história realmente começa quando o Pe. José Borges de Novais, fundou a missão em torno da capela humilde que, segundo a tradição, "era de taipa e coberta de palha" sendo, logo depois — ou muito tempo depois — substituída por igreja de alvenaria, "pequena e elegante" e ainda, no dizer do cronista, "o mais belo templo do Ceará do século XVIII".

Mais de um autor cearense, diz Renato Braga, apontou os jesuítas como os construtores daquela igreja e, para mostrar a inexatidão da indicação em tela junta a nota explicativa do padre Serafim Leite, ao pé da página 28 do v. III da sua História da Companhia de Jesus no Brasil:

"Ao passarmos em 1934 no Ceará, disseram-nos que havia uma igreja da Companhia, em Almofala, nas margens do Aracati-Mirim.

Em nenhum catálogo, carta ou documento jesuítico, que pesquisamos com atenção, vimos referências à tal igreja.

Nos escritores cearenses achamos notícias diversas. Resume-as a todas Gurgel de Alencar. Almofala, diz, "foi outra Aldeia de Índios. A sua história começa em 1608, época em que os jesuítas aldearam os selvagens nas praias Lençóis. Ao lado de leste fica a igreja, de bela arquitetura, que a Rainha D. Maria I, de Portugal, mandou edificar em 1702 para os Índios Tremembés; é diferente de todas as outras igrejas do Ceará, no gosto e na construção; tem o cunho das obras dos jesuítas". (Gurgel, Dicionário, 23.)

Notícias inexatas como esta pululam em muitas histórias locais. Os Jesuítas aldearam os Tremembés, não porém, em 1608, nos Lençóis, nem em parte alguma. Em 1702, ainda não existia D. Maria I, que é filha de D. José, e a igreja é realmente diferente, pela fotografia que dela vimos, das obras dos Jesuítas. Mas, conjugando esta notícia com outra de Studart, temos a chave. Diz Studart que o Pe. José Borges de Novais, missionário dos Tremembés, começou os seus trabalhos em 1702 e edificou, em Aracati-Mirim, uma igreja, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição. (Studart, A geografia do Ceará, na Rev. do Inst. do Ceará 37 (1923), 308.) Studart não pronuncia o nome de Almofala, mas foi esse o que recebeu depois Aracati-Mirim. Não pertencendo à Companhia o Pe. José Borges de Novais, a origem daquela igreja não é jesuítica.

Como alguns cronistas continuassem afirmando ter sido a igreja que se sucedeu à capelinha singelamente construída por ordem do Reino e em nome de D. Maria I, Rainha de Portugal, que a oferecera ao aldeamento dos índios — obra jesuíta, segundo eles, começada em 1702 — o Pe. Antônio Tomás contra isto se insurge lembrando, mui oportunamente:

"Nas minhas indagações sobre a sua origem, não encontrei o mais leve indício de ter sido edificada, como opinam alguns, por ordem do governo da metrópole, aliás tão remisso em beneficiar as suas colônias.

Inclino-me pois a aceitar a tradição legada por alguns velhos moradores do povoado aos seus descendentes, de haver sido ela construída às expensas da irmandade de Nossa Senhora da Conceição, anteriormente ali ereta e sob os auspícios dos padres que então dirigiam aquela missão.

Esta tradição é confirmada pelo compromisso da referida irmandade, em cujo capítulo XIV se lê o seguinte: "Esta irmandade como fundadora e administradora desta igreja de Nossa Senhora da Conceição de Almofala, tem de obrigação... etc..."

E mais abaixo: — “Esta nossa igreja tem até aqui servido de matriz da freguesia da povoação de Almojada pelo oferecimento que a irmandade fez quando se criou a freguesia dos índios, por ser a única que existia e existe no lugar.”

Diz ainda a tradição que foi o capitão-mor Manoel Rodrigues Ribeiro da Costa quem, de acordo com os missionários ali estacionados, dirigiu todo o serviço da construção da capela, a começar pelo transporte dos seus materiais que, vindos da Bahia e desembarcados no porto das Oficinas, distante de Almojada cerca de 25 quilômetros, foram para ali conduzidos em carros puxados a bois.

Em falta de outro documento que melhor nos oriente sobre a época da sua construção, seja-me lícito conjecturar que ela tenha sido concluída em 1712, servindo de base a esta conjectura a seguinte inscrição gravada na pedra de uma de suas portadas internas e perfeitamente visível ainda hoje:

XIX-X-XII

inscrição que provavelmente assinala a data de 19 de outubro de 1712.”

Parece, também, ser ponto pacífico que a construção do templo se deva à Irmandade de Nossa Senhora da Conceição dos Tremembé. Apenas a data não está sendo fácil precisar, pois, apesar das conjecturas do Pe. Tomás a respeito da inscrição gravada na pedra de uma das portadas internas surgem dois documentos relativos aos recibos de final de obras, passados, ambos, por dois empreiteiros diferentes, isto acontecendo no ano de 1758, isto é, 46 anos depois da data assinalada pelo Pe. Tomás. Eis, na íntegra, os recibos:

“Certifico eu abaixo assignado que estando na freg. a do Ceará fuy chamado dos Irmãos de Nossa S.ra da Conceição Tramambé p.a effeito de lhes fazer a Igr.a da d.a Sra. a qual com elles ajustey tanto paredes como madeiramento com hum corredor a roda por presso de Duzentos e Sesenta mil rs. p.te em animaes e p.te em dr.o de contado, cujo pagam.to me principiãrão a fazer os Administradores da d.a Irmandade e o R. do Administrador Elias Pinto de Azevedo me entregou o ultimo pagamen.to e por estar pago e satisfeito servirá esta de quitação de paga: juntamente certifico em como estou pago e satisfeito do Presbitr.o que o R. P. e Elias Pinto de Azevedo a sua custa me mandou fazer, do Arco da Capella mor que o Cap.m Ignacio João e Luiz Vr.a commigo ajustaram, do Cruzeiro e portaes das portas Travessas que o R. P. Agost.o me encomendou, da porta principal e das Janellas do coro que o Tenente Franc.o Coelho de Carva.o e o C. Ignacio João Coimbra commigo

ajustarão, e p.a a todo tempo constar desta verd.e e por eu estar em hua cama p.a morrer já com todos os Sacramentos, e por esta cauza não poder fazer esta no L.o das contas da ditta Irmandade como determinou o R. Viz.or Fr. Manoel de Jezuz M.a pedy e requery a Manoel Gomes Correia esta por mim fizesse e assignasse com Testt.a junto com o R. Vigr. da V.a o D.r Ant.o de Carv.o e Albuqr.e Cayssara 30 de Abril de 1758. José Lopes Barbalho. Ant.o de Carv.o e Albuq.e Manoel Gomes Correia."

"Certifico eu abaxo asinado qâue fiz as portas da Igr.a de N.a Sr.a da Conceição dos Tramambes por cujo feitio Recebi sincoenta mil Reis que me pagou o Rd.o P.e Luis Fernandes de Carvalho Misionario que entam hera na d.ta. Aldeya e de como estou pago e satisfeito dos ditos sincoenta mil Reis e de hu cavallo que me deu o Rd.o Administrador Elias Pinto de Azd.o este de quitação de paga cujas portas me mandou fazer o d.to Rd.o Micionario de madr.a que tinha pronta para a d.ta obra.

Juntam.te sertifico em como estou pago e satisfeito de trinta mil reis que o administrador e mais Irmãos ajustaram dar-me pela hobra da tribuna da dit.a Igreja e por estar pago e satisfeito das ditas hobras e não se me dever dellas mais nada e ter Recebido os ditos trinta mil Reis da mão do Rd.o administrador Elias Pinto de Azd.o pedi e Rogei ao Tenente Joam Bapt.a de Verçoza este p. mim fizece e asinase com hua cruz p. eu não saber ler e nem escrever. Hoje 17 de agosto de 1758. -/- de Franc.o Roza." (Col. Studart, vol. 6.º, RIC, 9 (1895), 69-70.)"

Do exposto, pelo menos uma coisa fica esclarecida — a igreja de Almofala não pode ter sido iniciada em 1702 e, muito menos, por ordem de D. Maria I, pela simples razão de que a primogênita de D. José só veio a nascer em Dezembro de 1734, tornando-se Rainha em 1777, isto é, aproximadamente 19 anos depois de ter, José Lopes Barbalho — o principal construtor da igreja — em seu leito de morte, dado quitação final de sua empreitada.

Mas o certo é que a igreja de Almofala foi toda encoberta pelas areias trazidas pelo vento. Muitos moradores mudaram-se, demolindo suas casas e transportando os materiais para as recomporem em sítios mais seguros. Só a igreja ali ficou, vestida de areia, envolvida na duna, soterrada e esquecida por longos anos até que o capricho da corrente eólica a restituísse ao convívio dos homens, o que se deu há, relativamente, bem pouco tempo.

O fato, entretanto, tocou a sensibilidade do Pe. Tomás levando-o a escrever a singela mas sentida monografia sobre Almofala, a qual transcrevemos, quase na íntegra, baseando-nos, ainda, em Renato Braga; ei-la:

"ALMOFALA"

"A leste da cidade do Acaraú e distante da mesma 48 quilômetros, sobre a margem esquerda do rio Aracatimirim e a poucos passos do mar, estava situada a lendária povoação cujo nome serve de epígrafe a estas linhas.

Formavam-na duas únicas ruas de casas de modesta aparência que se estendiam paralelas de nascente a poente, por entre viçosos quintais ensombrados de coqueiros e bordados de canaviais.

Entre as ruas, do lado oriental, contrastando com a rude singeleza das demais edificações, elevava-se formosa igreja, de pequenas proporções, mas revelando na solidez da estrutura e na correção das formas o cunho e elegância de uma verdadeira obra de arte.

Ali postado ao pé daquelas humildes moradas, como o anjo tutelar da pequenina aldeia, o majestoso templo — alvo constante da solicitude, do carinho e veneração de todos — erguia suavemente para o céu a torre delicada e branca, lembrando porventura àquele povo despreocupado e feliz a inconstância das coisas da terra.

Ao longe, no recosto de verdejante colina, olhando para a igreja, estava assentado o pequenino cemitério de muros caiados, silencioso e discreto, esperando tranqüilamente os que se iam da vida, para pôr-lhes no seio misericordioso o agasalho do último sono.

Mais longe ainda, disseminados pelos arredores, destacando-se da verdura do campo, lourejavam singelas casitas de palha, envoltas num ambiente de paz e serenidade bucólicas, enriquecendo a paisagem de suave poesia e indescritível encanto.

Era como um trecho de Éden aquela risonha e sossegada nesga de terra, onde nunca soaram as fanfarras do progresso nem os rumores da civilização, onde nunca lograram entrar os ouropéis do luxo, nem as ridículas extravagâncias da moda.

Mantendo-se da agricultura, da caça e sobretudo da pesca, ali vivia despreocupadamente um punhado de homens simples e bons, cujas modestas aspirações nunca transpuseram as raias do seu horizonte visual.

Seguindo o mesmo teor de vida, já por ali haviam passado sucessivamente muitas gerações desde as remotas eras do seu povoamento até a última década do século passado, quando sobreveio a catástrofe que, destruindo a aldeia, fez fugir os seus últimos moradores para longínquas paragens, à cata de novos abrigos, como um bando de pássaros bravios aos quais houvessem desmantelado os ninhos.

Hoje nada mais resta de todo aquele gracioso conjunto senão uma vaga e saudosa lembrança na memória de poucos. O ameno e uberoso sítio em que se ostentava a risonha povoação cobriu-se de sáfaro e extenso areal continuamente revolvido pela impetuosidade dos ventos

Em torno nenhuma sombra de árvore, nenhuma habitação de vivos.

Tudo aí é solidão e abandono, desolação e tristeza!

Pesa sobre esses infestos lugares um silêncio de sepulcro apenas interrompido pelos uivos sinistros do vento a que respondem as inconsoláveis queixas do mar. Dir-se-ia que choram ambos a ausência da formosa aldeia, de cuja destruição foram, de certo modo, cúmplices.

Há entretanto ali alguma coisa ainda cuja vista desperta as mais dolorosas lembranças na mente dos que testemunharam o seu trágico desaparecimento, excitando ao mesmo tempo a curiosidade dos estranhos.

Quem porventura se encaminha para aqueles sítios começa a avistar, de muito longe, sobre uma eminência branca, qual padrão de morte encimando uma sepultura, um vulto negro e disforme, cujos contornos se vão delineando à proporção que dele se aproxima, até descobrir enfim o que venha a ser a espectral figura.

É a velha igreja, ou antes os restos da branca e formosa igreja de outrora, hoje destituída e de sombrio aspecto, entalada entre as areias de gigantesca duna.

O viajante pára ali instintivamente e deixa-se ficar longas horas embebido na muda contemplação daquelas sagradas relíquias.

Grandes e profundos revezes sucederam à malfadada igreja, antes de chegar àquele mísero e lastimoso estado.

As principais afrontas que ela sofreu partiram dos homens; os insultos dos elementos vieram depois.

Tinha honras e dignidade, bens e riquezas. Estas foram roubadas, aquelas suprimidas; e de senhora opulenta que era passou a ser miserável e fâmula.

Viu-se depois despojada dos seus santos que eram pedaços de suas entranhas, tolhida em suas funções sagradas que eram a manifestação de sua vida e, por cúmulo de maldade, privada dos seus sinos que eram os portadores das suas queixas. E assim deserta, paralisada e muda foi abandonada pelos homens.

Depois as areias afundaram-lhe o teto e pejaram-lhe o seio, o sol enegreceu-lhe a alvura, a chuva gretou-lhe os muros e desconjuntou-lhe as articulações, e o tempo desfez-lhe os raros encantos que ainda possuía, mutilou-a toda. Daí em diante o vento que já fora o portador do material que a obstruiu, não cessou mais de girar-lhe em torno, tentando em gigantescos esforços aluir-lhe os fundamentos, enquanto o mar, na impotência de submergi-la em suas alterosas vagas, lhe atira de longe, de envolta com terríveis imprecações, a viscosidade corrosiva do seu bafo salsuginoso.

E o velho templo, resistindo ainda, com a serenidade estóica dos mártires, aos furiosos embates dos elementos conjurados para destruí-lo, eleva tristemente da brancura do sudário que o envolve a sua torre desfigurada, negra para o céu, lembrando aos que de longe a contemplam a inconstância e fragilidade das coisas da terra.

Sustenho aqui os devaneios que me vinham sugerindo a lembrança do extinto povoado de Almofala e das ruínas de sua igreja, para, assumindo ares de cronista, fazer uma breve exposição das principais datas e fatos que se relacionam com a sua história, desde a época de sua fundação até hoje.

Servirão de subsídio ao meu modesto trabalho o que sobre o assunto escreveu Antonio Bezerra, algumas notas respigadas a custo nos livros velhos e já dilacerados da antiga irmandade de Nossa Senhora da Conceição daquela igreja e nos do tombo da paróquia, a notícia de certos fatos guardada pela tradição e, finalmente, a lembrança que ainda conservo dos últimos acontecimentos ali desenrolados, dos quais fui, por bem dizer, testemunha ocular."

A seguir o Pe. Tomás relata o que, sobre os primeiros povoadores de Almofala, anotara Antonio Bezerra e cujo conteúdo, por não se nos afigurar de real importância para a continuidade da narrativa, tomamos a liberdade de não transcrever. Entretanto, tais notas poderão ser encontradas às páginas 85 e 86 do "Dicionário" de Renato Braga. Muito ao contrário, a parte do depoimento do padre quando nos informa sobre a Irmandade que por longos anos encarregou-se da guarda e conservação da igreja, merece transcrita, pelo menos, parcialmente:

"Existia ali, como já disse, a irmandade de Nossa Senhora da Conceição, fundada talvez ainda pelo padre Novaes, sob cuja guarda e dependência sempre se conservou a igreja.

Compunha-se da gente melhor e mais abastada não só daquela zona, como de diversas outras paragens distantes do povoado vinte, trinta e mais léguas.

Muitos dos que nela eram admitidos concorriam, logo no ato da entrada, com avultadas esmolas, ora em gados, ora em dinheiro, e às vezes em ambas as espécies, tornando-se ela assim possuidora de não pequenos haveres que despendia generosamente com a manutenção da igreja e decência e esplendor do culto.

A época do seu maior florescimento, conforme verifiquei dos livros de lançamento das entradas de irmãos e de receita e despesas, foi de 1730 a 1790.

O grande prestígio da irmandade se refletia diretamente no pequeno povoado que lhe era sede, podendo-se constatar a importância de que ele gozou nesses bons tempos pelo fato de nunca faltarem ali sacerdotes que curassem de perto as necessidades espirituais dos seus moradores e pela freqüência com que aí compareciam os visitantes eclesiásticos, de cuja presença sempre lhe advinham as maiores vantagens.

De 1790 em diante parece que a irmandade começou a declinar, sendo em 1795 já bem pouco lisonjeiro o seu estado, pois na sessão realizada a 25 de outubro desse ano, a diretoria autorizou o administrador a vender diversas fazendas "visto — diz o termo da ata — não haver mais gados para povoarem".

Em 1830 alguns dos seus membros mais distintos, no louvável empenho de levantá-la do abatimento em que se achava e encaminhá-la a uma nova fase de prosperidade, conseguiram, com a reforma do compromisso, regular melhor o funcionamento do seu organismo entorpecido."

Segue-se uma relação dos padres que cuidaram e serviram, primeiro à capela, depois à igreja, desde 1702, lista nominal, que não é completa, como informou o padre ... "senão de todos os sacerdotes... ao menos daqueles cujos nomes se pôde salvar do esquecimento".

Continuando, lembra o Pe. Antônio o início da decadência da povoação embora, explique, ... "a capela continuasse a gozar de um certo prestígio".

Em 1830 há um breve surto de melhoria e, pouco depois a recaída final ... "da qual não mais se ergueu até o seu completo aniquilamento".

Entretanto, em 1848 quando ali voltou o visitador Cônego Antônio Pinto de Mendonça, encontrou a capela em melhor estado do que na visita do ano anterior, mas deixando o seguinte reparo:

"...faltando entretanto algumas alfaias e reparos para melhor decência do culto divino, como sejam uma banquetta para o altar e reparo deste que ameaça ruína, por estar a madeira carcomida e

podre; pelo que convém fazer o quanto antes um novo altar para evitar que caíam as imagens e se despedacem."

Esta é a última transcrição que faz parte das notas a que se refere o Pe. Tomás e que tanto trabalho lhe parecem ter dado a ponto de afirmar ... "algumas das quais (notas) desentranhadas, sabe Deus com que trabalho, de velhos e borolentos alfarrábios de folhas laceradas, cuja escrita ora legível, ora truncada, foi preciso muitas vezes adivinhar"...

Interromperemos, por momento, as citações e o depoimento do Pe. Antônio Tomás para trasladar um trecho do historiador cearense Antônio Bezerra de Menezes, onde, com carinho, se refere à Almofala e à sua poética igreja:

"Atravessamos vastos campos, e tomamos à direita uma estrada trilhada por carros de bois, a qual nos conduziu ao poético povoado de Almofala.

Duas ruas de casas de pobre aparência de um e outro lado da estrada formam o povoado, que se acha situado à margem esquerda do rio Aracatimirim.

No meio do espaço compreendido entre as duas ruas, do lado de leste, fica a igrejinha, um mimo de arquitetura, que a rainha de Portugal, D. Maria I, mandou edificar em 1802 para os índios Tremembés.

É diferente de todas que se encontram na Província, no gosto e na construção.

Quem a visita não pode deixar de reconhecer em tudo o cunho das obras dos jesuítas, e conquanto seja de pequenas proporções, sua perspectiva lembra um dos velhos templos de Portugal.

É pena que o abandono a vá deteriorando."

Isto é quase tudo quanto, sobre Almofala, nos tem a oferecer o ilustre cearense cuja viagem em terras do Ceará, cumprindo ordens do Governo Provincial, foi descrita e publicada entre os anos de 1884 e 1885 pelo jornal "Constituição".

Como se vê, há uma certa plausibilidade na data de 1802, já que, nesse tempo, D. Maria I tinha 25 anos de reinado dos quais 10 de insanidade mental.

Quando "ao cunho jesuíta" convém não esquecer que, D. Maria I, logo no início de seu reinado — precisamente 8 dias após a coroação — demitia o Marquês de Pombal sem que isto significasse apoio aos jesuítas, atitude que soube manter em todo o seu reinado.

HISTÓRICO II — SOBRE ARQUITETURA

Excetuando-se algumas notas esparsas escritas pelo erudito arquiteto cearense José Liberal creio não haver documentário algum que faça referência ao risco que originou a construção da igreja de Almofala.

É pena, porque, a nosso ver, a arquitetura contraditória da igreja está a merecer estudo especializado capaz, por exemplo, de vir a esclarecer o desacerto na composição do alçado principal, onde o frontespício que subtende a nave — de sabor nitidamente popular e ingênuo — contrasta de maneira perceptível com a massa da torre cujo tratamento não lhe esconde a erudita origem. Teriam sido construídas em épocas diferentes ou seriam providas de riscos diferentes porém da mesma época?

Passemos a palavra ao arquiteto Liberal transcrevendo as poucas notas existentes em nosso poder:

“No que tange à Arquitetura, a monografia (está-se referindo ao trabalho do Pe. Tomás, nota do A.) pouco ou nada esclarece, salvo o fato de assinalar que o “material veio da Bahia” e que a igreja é “diferente de todas as outras igrejas do Ceará, no gosto e na construção; tem cunho das obras dos jesuítas” conclusão esta que, aliás, não procede, visto a igreja não se enquadrar absolutamente nas formas semi-padronizadas das edificações da Companhia de Jesus”... logo adiante continua o arquiteto:

“A igreja cujos interiores foram praticamente arrasados com o soterramento, deve ter sido erguida nos primeiros anos do século XVIII, tratando-se inicialmente de uma pequena capela, pronta em 1712, capela que será o núcleo formador da futura igreja, esta concluída em torno de 1758, tendo as obras sempre ficado aos cuidados da Irmandade de N. S. da Conceição ou de pessoas, eclesiásticos ou leigos, diretamente a ela ligados. Tais fatos se comprovam através de dois documentos da Coleção Studart”...

Os documentos a que se refere o professor Liberal são os já apontados neste trabalho e que dizem respeito aos recibos finais da obra.

Passa, depois, o arquiteto a analisar o monumento sob a sua aparência atual, ressaltando-lhe alguns pontos mais notáveis no exterior. Como não podia deixar de ser, choca-se com a disparidade plástica existente entre a torre e o restante do alçado principal. Vejamos o que a respeito anotou:

“O trecho da fachada da frente, que corresponde à nave central, apresenta empena de ponto elevado, arrematada por volutas ram-

pantes de desenho pouco apurado, provavelmente de concepção local, confundindo-se o frontão, que tem um óculo na base, com o resto do frontespício, segundo um mesmo plano vertical. Esta solução, entretanto com ponto muito mais baixo, pode ser observada em algumas capelas jesuíticas (antigo Colégio de São Paulo d'Aldeia, E. Rio) e seria ela, por coincidência, o único pormenor a lembrar, na igreja de Almofala, a arquitetura da Companhia de eJesus. A análise dos demais componentes da fachada conduz-nos a interessantes surpresas, como se verá. As vazaduras são curiosamente dispostas segundo a forma típica das igrejas mineiras tradicionais, isto é, uma porta no centro e ladeada por duas janelas, mais ao alto, disposição que se assemelha a de um triângulo de vértice para baixo, o que não constitui caso único no Ceará... A igreja possui apenas uma torre, pois a outra, que deveria dar simetria à composição, não foi levantada, tendo-se-lhe erguido somente a caixa de sustentação, arrematada por uma sineira independente, das que também se observam em algumas capelas mineiras, mas aqui, com risco de aspecto oriental (indo-português) e repetido em relevo, na torre do lado oposto — a que foi construída — trabalho em que se insinua indubitável intervenção indígena. Nessa torre, cuja massa é pesada, se não de todo com relação à fachada de frente, mas proporcionalmente ao corpo da igreja, reside, a nosso ver, o elemento de maior categoria do monumento. Referimo-nos ao seu coroamento elegante, de Lisboa (então, agora sim, talvez já sob D. Maria I). Excluído o Pilar, na Bahia, não cremos haver exagero se confessarmos desconhecer idêntico pormenor de obra nacional em que transpareça, de forma tão clara, o desenho do coroamento das torres do Mosteiro de Mafra."

Também estivemos em Almofala, em meados de 1965, aproveitando a condução da Estação de Biologia Marinha da Universidade do Ceará, a convite e por gentileza do seu ilustre Diretor, Dr. Melquíades Paiva, quando da visita periódica de seus técnicos ao posto que essa Repartição mantém no povoado de águas piscosas.

Ardíamos, então, em curiosidade, pois naquela ocasião já conhecíamos toda a estória do velho templo. Entretanto não nos foi possível, nem tratá-lo — a câmara fotográfica ficaria esquecida em Fortaleza — nem pintá-lo — pois o vento arenoso impedia o manuseio das tintas — só nos restando, então, a tentativa de executar um rápido esboço, a lápis, lutando contra a reinação do vento, o que com pouco apuro foi, finalmente, conseguido.

Ali pernoitamos dois dias, sendo um deles chuvoso. Ali assistimos, também, ao torém — melhor dito — a um simulacro da velha dança noturna dos Tremembé, dançada e cantada, numa espécie de melopéia rítmica, por meia

dúzia de mestiços curibocas, de aspecto paupérrimo e doentio, os quais logo após o espetáculo solicitaram dos presentes dinheiro ou algum objeto de uso; espetáculo que nos causou mais tristeza do que prazer. Mas, de qualquer maneira o torém surge com seu espírito folclórico e nos traz à lembrança os índios guerreiros que, no dizer de um dos cronistas ... "parece que eram turbulentos, porque o capitão-mór do Ceará, Jorge Correa da Silva, em setembro de 1671, enviou a Jericoaquara, onde eles se achavam, o ajudante Francisco Martins para tratar da guerra"; sobre o assunto voltaremos a tratar nas últimas páginas deste trabalho.

Aproveitando a estadia conversamos com o Sr. Pedro Ferreira de Menezes, pernambucano, carpinteiro e encarregado de zelar pela igreja, o qual, apesar da sua muito boa vontade, pouco ou nada esclareceu sobre os fatos provocados pelo aparecimento das dunas. Assim declarou que nascera no Recife em 1889 e que viera para Almofala em 1898 ali tendo se casado, em primeiras núpcias, pelo próprio Pe. Tomás, em 1918. Afirmou ainda que quando chegara em Almofala já encontrara a igreja soterrada, só tendo ficado livre em 1942. Também ouvira dizer que o teto da mesma (forro) era todo de madeira, assim como o piso da nave principal — cedro sobre aroeira — vindos da Bahia e que no altar principal havia uma imagem de N. S. da Assunção tendo, à esquerda N. S. do Rosário e à direita a imagem de S. José.

Lamentamos não nos ter sido possível ver o interior do templo. As chaves, segundo informou o mesmo Pedro, estavam com o vigário, naquele momento ausente de Almofala. Isto foi tudo o que conseguimos apurar através dessa parcimoniosa testemunha.

Conquanto nada de definitivo se possa positivar sobre a vinda da Bahia de certos materiais, notadamente a medira, é possível admitir-se tal fato, uma vez que se sabe ter sido o porto de Acaraú — antigo Porto das Oficinas — notável pelo seu comércio de carne-seca e, provavelmente como era normal, ter vindo a madeira lastreando as embarcações que com muita frequência visitavam o referido porto.

Quanto ao templo, muito embora não sejamos especialistas em assunto de história da arquitetura, com poucos conhecimentos sobre a matéria, não podemos, todavia, mantermo-nos indiferentes ao conteúdo expressivo que ressalta daquelas alvenarias caiadas de branco e daqueles granitos morenos e tismados pelo tempo.

E, então, sem tecermos loas à composição que consideramos muito bem equilibrada, seja pela distribuição das massas, seja pela proporcionalidade de seus elementos menores, deveremos em primeiro lugar constatar o seu im-

pressivo jeito de capela familiar e modesta a que a existência fidalga e preciosa da torre, não humilha nem empana.

O frontespício, em um só plano — pelo menos aquele que se relaciona com a nave — simples e puro, com suas ingênuas volutas encimando o frontão — de ponto, este, razoavelmente alto — e aqui vai uma diferença muito grande para S. Pedro d'Aldeia, já notada pelo arquiteto Liberal — é enriquecido pelos dois coruchéus agudos e piramidais que, amparando as extremidades horizontais do triângulo frontal, como que ancoram a composição dando-lhe arremate final.

Temos a ressaltar que dentro daquela primeva quão amável simplicidade — a torre — imaginada e construída à maneira reinícola, com o seu coroamento de aspecto quase-bulboso, acentua a traça do elemento barroco de além-mar que, sob essa forma, começa a aparecer em pleno século XVIII, como nos informa Lúcio Costa:

"Só mais adiante, já em pleno século XVIII, aparece, nesses coroa-mentos de torre, o perfil bulboso, aliás como simples corolário barroco e não por um artifício de inspiração oriental, como tantos supõem".

Se a torre, a nosso ver, na composição geral não chega a ser elemento esdrúxulo, não deixa, todavia, de se apresentar como massa de qualificação plástica diferente; embora equilibrada é perturbadora.

Se, ainda, desprezado o pormenor de semelhança já apontado pela arquiteto Liberal com relação a S. Pedro d'Aldeia, desejarmos estabelecer um confronto entre os efeitos que causam as torres em questão, dentro dos lineamentos de suas respectivas composições, teremos que aceitar a idéia de que a coerência plástica, a rigor, só se aplica à notável capela jesuítica do Estado do Rio.

Examinando-se os dois frontespícios verificaremos que, em S. Pedro de Aldeia, o frontão, de um lado — mercê de um possível gesto de coragem criativa — é bruscamente interrompido para dar lugar à arrancada da torre que, com a sua suave feição tronco-piramidal, com o seu coroamento em meia-laranja — recordação moçárabe — e acompanhada, ainda, de seus quatro pequenos coruchéus que a encimam efetuando-a tão graciosamente verificar-se-á como tudo isso, junto, concorre para nos transmitir a sensação de estar a torre em perfeita harmonia com o resto do frontespício e acaba por nos impor a idéia de uma composição coerente, assim como algo que se norteou por princípio definido, do começo ao fim.

O mesmo não se pode afirmar do conjunto — frontespício e torre — da igreja de Almofala, embora, não há como negar-lhe uma certa harmonia que, aqui, é mais consequência de um ajustamento escalar do que produto de pensamento exclusivamente criador e espontâneo. A torre, a nosso ver, teve sua altura diminuída para poder se inserir, com segurança, no conjunto do alçado principal. A riqueza de pormenores contrasta vivamente com a simplicidade do resto da composição mas, apesar de incoerentes e contrastantes, dão-se muito bem.

Entretanto o que menos importa saber em Almofala é, se a igreja é ou não jesuítica, ou se foi executada em 1702 ou se acaba em 1758, o que realmente importa, é desvendar o segredo da existência daquela torre, ali colocada ao desdém, a desenhar a sua sobranceira silhueta sobre o humilde em torno mas que, nem por isso chega a transmitir um sentido de grandiosidade que sua elegante traça poderia fazer supor.

É, sobretudo, nessa falta de coerência, que se pode, às vezes, sentir o valor da intromissão, calada mas persistente, do elemento vinculado à terra; do caboclo, do cafuzo e do índio, criando ou recriando e, mais recriando do que criando os elementos que viriam enriquecer e por vezes dominar os aspectos plásticos de certos monumentos, neles introduzindo, ora a doçura ingênua, ora a vigorosa brutalidade da vida nos trópicos, dentro daquela contribuição, espontânea e primitiva, a que Lúcio Costa batizou de "fruto da terra".

Isto, no caso, talvez explique as volutas razantes, os pormenores dos desenhos encontrados na sineira e que se reproduzem na torre, mas não explica a torre em si em cujo coroamento o arquiteto Liberal quis enxergar um acento mafiano, à la Ludovice.

A nosso ver a composição desataviada, mas poética, do frontespício da igreja de Almofala, possui um valor plástico muito forte e, tão forte o julgamos que fazêmo-lo responsável pela subordinação sensível do volume da torre ao partido geral, já que a torre, em virtude de sua origem puramente reinol, de seu tratamento mais apurado e de sua pronunciada vocação de verticalidade, deveria comandar toda a composição, o que não acontece.

Concluindo estas despreziosas observações pensamos poder afirmar que na igreja de Almofala coexistem duas espécies de arquitetura. Uma, a erudita — a da torre — outra, a popular e ingênua — a do frontespício de paramento avançado — mas que, a despeito de tudo, se irmanam ambas para compor um conjunto de estranha e singular beleza.

Nesta feliz simbiose, se nos permitem o termo, reside, talvez, o maior interesse que a igreja de N. S. da Conceição de Almofala provoca em quem, desprevenido, a contempla pela primeira vez.

A ESTÓRIA

Volítemos à narrativa do Pe. Antônio Thomás que, agora, dado o seu grande interesse, transcrevemos o seu final na íntegra, valendo-nos, uma vez mais, do Dicionário Geográfico e Histórico do Ceará, de Renato Braga.

"Data de 1892, ano em que fui nomeado coadjutor da freguesia de Acaraú, a minha primeira visita a Almofala, a que se seguiram inúmeras outras; pois até 1898, tempo do seu aniquilamento, nunca deixei de lá ir uma, duas e até três vezes anualmente.

Nesse tempo os morros que depois vieram a sepultar o povoado já distavam dele menos de um quilômetro; e, à exceção de alguns otimistas que alimentavam ainda a esperança de que as areias passariam pelo lado do sul da capela, deixando-a ilesa e talvez mais o povoado todos consideravam inevitável a catástrofe.

Já não encontrei ali senão uns restos da poderosa irmandade de outrora, então completamente esquecida do seu compromisso e incapaz de prover a cura e necessidades materiais da capela.

Celebrava-se entretanto ainda com bastante solenidade e extraordinária concorrência de fiéis a festa da padroira.

As novenas que procediam eram feitas por noitários, cabendo sempre uma delas aos índios que se esmeravam em dar à sua noite o maior esplendor e realce possíveis.

Viviam ali ainda numerosos descendentes dos Tremembés, constituindo uma sociedade a parte, causando-se entre si e conservando religiosamente certos usos e tradições, e alguns até mesmo a língua dos seus maiores.

Tinham o seu capitão cujas ordens obdeciam sem constrangimento, sobretudo quando estas visavam algum benefício material que se houvesse de fazer à igreja.

Era um gosto vê-los, em tempos de festa, sob a direção do seu chefe, umas vezes arrancando as ervas daninhas que cresciam ao redor da capela, outras varrendo cuidadosamente o adro, outras ainda adornando caprichosamente as portadas de arcos de palmas de coqueiro, etc.

Conheci o último desses capitães — o velho Tomé — falecido há poucos anos, o qual tinha em grande apreço a sua autoridade e sentia-se verdadeiramente ufano quando o nomeavam pela sua patente.

A penúltima vez que celebrei na capela de Almofala e a última que ali administrei os sacramentos foi no começo do ano de 1898.

Por esse tempo já as areias haviam obstruído as primeiras casas, do lado do nascente, das ruas que ladeavam a igreja, atrás da qual o morro ia crescendo progressivamente.

Já se haviam retirado da povoação muitos moradores que demoliam previamente suas casas para com o material das mesmas construir novas habitações em lugares mais abrigados.

Antes de desfeito o redil já as ovelhas começavam a fugir.

Comuniquei ao diocesano o precário estado em que se achava a capela e a impossibilidade absoluta de evitar-se a sua ruína. Em resposta à minha comunicação fui por ele autorizado a retirar as imagens para a capela do Tanque do Meio, dali distante cerca de dez quilômetros, com a instante recomendação porém de que não o fizesse senão à última hora, isto é, quando as areias já houvessem atingido o interior da igreja.

Cientifiquei os moradores da povoação das ordens do diocesano e aguardei os acontecimentos.

Em junho do mesmo ano (1898) recebi um recado urgente do procurador da irmandade avisando-me que havia ruído uma parte do teto da capela que começava a ser invadida pelas areias.

Alguns dias depois o procurador veio pessoalmente entender-se comigo, confirmando o que me mandara dizer. Prometi-lhe que oportunamente iria lá providenciar sobre o caso, e pedi-lhe que fosse desde já dispendo os ânimos e cuidando das preparações preliminares para o transporte das imagens que deveríamos fazer processionalmente, ficando eu de avisar-lhe com antecedência, para conhecimento de todos, o dia certo da minha ida.

A 9 de outubro do mesmo ano para lá me dirigi, no intuito de dar cumprimento às ordens do diocesano.

O meu primeiro cuidado, ali chegando, foi visitar a igreja, encontrando uma das sacristias — a do lado da Epístola — já meio invadida pelas areias que, se escoando por um rombo no teto, vinham estender-se até a entrada que dava para a capela-mor. Uma espessa camada de pó cobria todo o pavimento, estendendo-se ao altar já despojado dos seus ornamentos e de suas imagens.

Estas haviam sido previamente recolhidas no batistério, o lugar mais abrigado da igreja e ao mesmo tempo o mais seguro. Os santos estavam ali debaixo de guarda; pois correra o boato de que pretendiam levá-los clandestinamente não sei para onde.

Desejando celebrar ali ainda uma vez, rendendo assim a minha última homenagem ao velho templo prestes a ser abandonado, talvez para sempre, resolvi fazê-lo pela madrugada, aproveitando o tempo em que o vento era mais brando. Mandei pois limpar mais ou menos toda a igreja, sobretudo a capela-mor, e preparar convenientemente o altar, sobre o qual foi reposta unicamente a imagem do Crucificado.

Anunciada de véspera a minha intenção, a igreja encheu-se literalmente antes da hora aprazada ficando ainda no adro uma compacta multidão que se ia avolumando cada vez mais; pois de toda a circunvizinhança afluía gente curiosa de ver a trasladação das imagens.

As quatro e meia horas da manhã comecei a missa a que assistiram cerca de três mil pessoas. Não me lembra de ter visto, em toda a minha vida, uma multidão tão numerosa guardar tanta compostura, tanta imobilidade e silêncio como a que ali então se achava.

O assombro que dominava aquela pobre gente, na iminência de ser privada dos seus santos protetores, longe dos quais se lhe afigurava impossível a vida, parecia havê-la petrificado. A reação porém veio depois, como adiante veremos.

O Evangelho falei aos circunstantes, expondo-lhes o motivo da minha presença ali e suplicando o concurso de todos para o bom e fiel desempenho da triste missão de que me achava incumbido.

Menos para tocar-lhes a sensibilidade do que para dissipar alguma animosidade porventura existente contra a medida que se ia pôr em prática, terminei minha alocução dizendo-lhe que a Santíssima Virgem lhes fazia naquele momento um apelo sagrado como o último pedido de uma mãe moribunda a seus extremosos filhos, e era que tirassem dali, sem perda de tempo, a sua imagem e a levassem para o destino que lhe fora designado pela autoridade eclesiástica.

Continuei a missa, e alguns momentos depois comecei a ouvir primeiro um murmúrio confuso que se elevava do meio do povo, depois como que gemidos, ais, soluços, e finalmente um concerto de altas vozes plangentes dominando todos os outros rumores.

Concluída a missa, encaminhei-me ao local donde partia o estranho alarido, curioso de saber-lhe a causa. Nunca me há de esquecer o espetáculo a que, de alma confrangida e olhos rasos d'água, então presenciei.

Ajoelhadas à porta do batistério, em frente às imagens escassamente iluminadas pelos vacilantes clarões de fumarentas lâmpadas de

querosene, algumas mulheres, desfeitas em pranto, cantavam, ou antes gemiam um bendito a SS. Virgem, composto de quadras singelas em que se despediam dela com os mais ternos adeuses e a que respondia em coro a multidão, batendo rijamente nos peitos.

A esse canto, já de si repassado de indizível mágoa vinham juntar-se os fundos suspiros de uns, a lamentosas exclamações de outros, os mal contidos soluços destas e as rolentes súplicas daquelas; formando tudo aquilo um grande coro angustioso, cujos ecos, reboando pela igreja afora, iam perder-se ao longe, no seio adormecido da floresta.

Dominando a custo a comoção de que me sentia preso, dei ordens para que trouxessem os andores, já de antemão preparados para o transporte das imagens, e pedi aos meus auxiliares que ativassem a organização do préstito; pois convinha aproveitar a fresca da manhã para a extensa caminhada que tínhamos a percorrer.

Estava eu ocupado em colocar um dos santos sobre o andor, quando me vieram dizer que, atrás do morro fronteiro, estava acampado um grupo de caboclos armados, aguardando apenas ordens dos seus chefes, para virem obstar a saída das imagens. Indaguei logo quem eram esses chefes e mandei um emissário pedir-lhes o obséquio de virem entender-se comigo. Não tardaram muito a aparecer. Recebi-os na porta principal da igreja. A circunstância de achar-me eu nesta ocasião revestido de sobrepeliz e estola me fez lembrar as cerimônias da recepção oficial dos bispos, faltando ali apenas o hissope d'água benta para completar a ficção.

Eram dois cabras musculosos e mal encarados. Um — o José Caboré — trigueiro e auto, de olhar insolente, nem ao menos se dignou tirar-me o chapéu, grande chapéu de couro, de aba revirada na frente deixando à mostra um cacho da cabeleira revolta. O outro — o Pedro Duro — mais baixo, mais claro e menos arrogante que o seu companheiro, descobriu-se logo ao chegar.

Vestiam ambos calças e camisas de algodão, e estavam armados de grossos cacetes dignos de respeito, e porventura de agudos punhais, mais respeitáveis ainda.

Chamando aos lábios um sorriso (coisa aliás bem difícil naquele momento) e adiantando-me para os dois, perguntei-lhes, no tom da maior familiaridade, os motivos por que se opunham à retirada das imagens. Enetão, medindo com seu torvo olhar a exigüidade de minha pessoa, falou o Caboré, enquanto o outro ia aprovando, com leves inclinações de cabeça: Saiba vossa senhoria, seu vigário, que as imagens não saem daqui porque não queremos; não consentimos que as levem para nenhuma parte e muito menos para o Tanque do Meio.

Observei-lhes a sem-razão da sua resistência a uma medida que se tornava necessária em vista do estado da capela, e que aliás fora ordenada pelo bispo.

Lembrei-lhes que as imagens iriam para uma capela perto dali, onde eles poderiam facilmente visitá-las e prestar-lhes os seus cultos; repeti o que havia dito na missa, e depois de muitas considerações terminei dizendo-lhes que esperava que eles, como filhos amantes que eram da SS. Virgem não haveriam de desgostá-la opondo-se às ordens do nosso bispo, antes viriam auxiliar-me no transporte da sua imagem para o ponto indicado.

A nada disto porém atenderam os dois teimosos contendores, que se retiraram, asseverando antes que as imagens não sairiam dali nem a mão de Deus Padre.

Perdida assim a esperança de convencê-los e resolvido por minha vez a levar a cabo a minha tarefa, chamei a fala o subdelegado do termo — tenente Joaquim Martins dos Santos Filho — que então ali se achava, e, comunicando-lhe o ocorrido, cientifiquei-lhe da minha resolução e pedi se dignasse tomar as providências que o caso exigia. Lembrei-lhe que o meio mais fácil de prevenir um conflito que me parecia iminente, seria efetuar a prisão dos dois chefes, antes que eles se fossem juntar ao bando de sequazes e exacerbar-lhes mais os ânimos.

Concordou comigo o subdelegado; e enquanto combinávamos a melhor maneira de levar-se a efeito a prisão projetada, eis que uma mulher do povo — a Joana Camelo — entrando sorrateiramente na igreja, por uma das portas laterais, apoderou-se de uma das imagens e, abraçada como ela, correu desabaladamente em direção do acampamento dos sediosos. Essa imagem era uma escultura de madeira de 77 cm de altura, representando N. S. do Rosário.

No meio do silêncio e estupefação geral produzido por aquele rasgo de audácia, bradei aos homens mais próximos a mim, que fossem reaver a imagem roubada. Ninguém se moveu.

Recomendei então que pusessem guardas às outras imagens, e atirei-me sozinho ao encalço da fugitiva, entre vivos protestos e clamores às instâncias, sobretudo das mulheres "que me não expusesse a alguma desgraça".

A breve trecho, vi-me ladeado por dois homens, os únicos que se decidiram a afrontar os riscos da temerosa empresa a que me abalançara.

Quero deixar aqui consignados os nomes desses dois dignos e valentes companheiros, hoje infelizmente já mortos, como um reconhecimento à sua generosa dedicação.

Um era o senhor José Cassiano de Menezes, meirinho, morador nesta cidade de Aacarai; o outro o senhor Miguel Monteiro dos Santos, agricultor residente no sítio S. Vicente, uma légua distante do teatro dos acontecimentos que venho narrando.

Apenas alcancei a fugitiva, travei-lhe do braço e intimei-a a entregar-me a imagem. Ela resistiu desesperadamente à minha intimação, enquanto Caboré e Duro brandiam ameaçadoramente os cacetes e numa espécie de fúria, a Maria Caboré, empunhando um tamanco, jurava quebrar a cara de quem se aproximasse. Consegui entretanto, auxiliado por Miguel Monteiro, enquanto Cassiano, com uma das mãos atirava por terra a fúria do tamanco e com a outra, munida de uma cacete, apurava a pancada descarregada por Caboré sobre Monteiro.

Nesse interim já alguns homens, repesos do desânimo que pouco antes os acometera, vinham chegando em nossa defesa. Então "fechou-se" o tempo, como lá diz o povo na sua gíria, e nada mais se ouviu senão o estalar dos cacetes e o vozear clamoroso do mulheril alvoroçado que, correndo para o lugar do conflito, bradava desesperadamente pelos maridos, filhos e irmãos nele envolvidos.

Enovelado eu também naquela onda revolta, procurava esforçadamente mas debalde serenar os ânimos e fazer cessar a duta. Esta porém prolongou-se ainda por alguns minutos, vindo a terminar pela debandada dos sediciosos e captura de dois dos mais rebeldes, que, de mãos atadas, foram levados à presença do subdelegado.

Chamava-se um deles João Reinaldo; o outro era o Pedro Duro que trazia uma brecha na cabeça e diversas contusões pelo corpo, desmentindo assim a sua alcunha, ao passo que o Caboré, confirmando admiravelmente a sua, tinha mais que depressa "voador".

Era de ver-se a humildade e o arrependimento que manifestavam os presos.

Compadecido deles consegui que se lhes desse liberdade para irem tratar de suas feridas; e convencido de que havia cessado o perigo de nova oposição à saída das imagens, dei logo ordens para se concluírem os preparativos para a marcha.

Momentos depois aquelas disputadas reliquias — cinco velhas e grosseiras imagens representando Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora do Rosário, S. José, São Miguel Arcanjo e S. Benedito acompanhados por quase todo o povo que ali se achava, seguiam processionalmente para a capela do Tanque do Meio onde chegamos antes do meio-dia.

Ai vim a saber, com grande nojo, que o plano de oposição à retirada das imagens da capela de Almofada, fora concebido pelo espírito

mesquinho de um sórdido vendeiro que as desejava no Panam, perto de si, para servirem de chamariz de fregueses ao seu comércio.

Era, porém, tão covarde esse "cavalheiro" que, tendo armado o braço dos pobres caboclos, para a ingloria empreitada, lá se deixou ficar metido comodamente em sua toca a salvo do perigo a que os atirava.

Convém notar, em abono dos meus fregueses e conterrâneos, que felizmente não era acarauense esse tipo de Asahverus que para ali viera estabelecer-se exclusivamente à procura de ganho.

À tarde desse mesmo dia — 10 de outubro de 1898 — com o espírito ainda aturdido pelas várias comoções experimentadas no breve espaço dessa azfaga manhã, regresssei ao Aacaraiú, onde uma alma prestes a abandonar a terra reclamava urgentemente a minha presença.

Os raros objetos que haviam ficado na capela de Almofala, depois da retirada das imagens, foram levados com a autorização do diocesano, uns para o Tanque do Meio e outros — um púlpito, dois sinos, um cálice e uma âmbula — para a matriz desta cidade.

E depois de despojado ainda de tudo o que dele se pôde arrancar lá se ficou o templo esquecido e abandonado de todo e para sempre.

Já então era ele o único vestígio da extinta povoação de cujo local havia desaparecido até o miserável casebre.

Volvidos mais alguns anos, quando desfeitas as suas ruínas, foram sepultadas pelos morros que as circundam, custar-se-á a crer que ali demorou uma florescente povoação e existiu uma formosa igreja servindo de sede à paróquia constituída por seus numerosos habitantes. E ninguém saberá mais dizer ao certo o lugar onde foi Almofala.

Despeço-me agora, com mil agradecimentos e desculpas, do paciëntissimo leitor que me acompanhou até aqui, dando por terminada a tarefa que me impus de contar-lhe a história da legendária povoação cujo nome — Almofala — se é verdadeira a significação que lhe dão os lexicógrafos de "arraial onde se vive temporariamente — não lhe podia ter sido mais fatídico. (Dinorá Tomás Ramos, Padre Antônio Tomás, 169-199, Fortaleza, 1950)".

Chegamos ao fim da singular quão imprevisível estória vivida pelo povo de Almofala. Felizmente o vaticínio do Pe. Antônio Tomás não ganhou corpo. Almofala, como povoação — lá está — pobre, na verdade, porque lugar de pescadores. Também lá está a sua igreja, ressurgida das quentes areias mas ignorada pelos homens de hoje. O vento que a acobertou por tantos anos foi-lhe devolvendo, aos poucos, a luz do sol. Retirou-lhe as areias deixando-lhe intata a estrutura, mas, até quando poderá resistir para permanecer?

DOIS APELOS

Propositamente alongamo-nos um pouco, com o dúplice objetivo de dar ênfase aos fatos e circunstâncias que, de certo modo, propiciaram a história e a estória da antiga igreja dos Tremembé.

Quer-nos parecer que existem dois fatos realmente decisivos; o primeiro representado pela arquitetura da igreja — documento material — a encerrar em si mesmo, como num vivido testemunho, a lembrança da Igreja que naqueles tempos se fazia sempre presente onde quer que fosse necessário amparar o indefeso índio da concupiscência dos senhores da terra, porque assim agiu a Igreja Católica Apostólica Romana nos primórdios da catequese no Brasil; o segundo, a demonstrar quanto amor pode crescer nos corações dos simples e ali se aquietar. Espécie de paixão coletiva que, em dado momento, se provocada, insurge-se e passa, em nome dos mais altos princípios, a cometer desatinos, para logo depois se arrepender, porque assim agiram, em todos os tempos, as gentes ingênuas e humildes. A duplicidade do apelo leva pois, em conta, essas duas circunstâncias — a história e a estória — aquela representada pelo belo monumento que nos legou o passado, esta, podendo-se fazer representar através da imagem cinematográfica, com toda a poderosa carga do *precioso filmico* contido na ação produzida pelos ânimos exacerbados sob o sentimento de religiosidade, produto da ignorância, podemos admitir, mas refletindo, de algum modo, o apego dos iconólatras aos seus queridos ícones.

Assim, o nosso primeiro apelo vai dirigido ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), através das pessoas de seus ilustres técnicos, por julgarmos que, merecidamente, o templo deve ser objeto de cuidadosa investigação capaz de esclarecer as dúvidas surgidas sobre a construção, a origem, a torre e o que mais convir.

E, como é oportuno, lembramos que outras vozes, mais credenciadas, já se fizeram ouvir em outras circunstâncias; citaremos apenas a do ilustre criador da "Terra de Sol" — Gustavo Barroso — que em um dos seus belos livros sobre o Ceará, escreveu:

"A igreja de Almofala merece um estudo técnico por uma competência no assunto como o Professor Paulo Santos e a atenção do poder público para a sua defesa e conservação. É um dos raros documentos arquiteturais que possuímos das antigas missões jesuíticas (?) no Norte do País. E é na nossa história o único exemplo duma igreja perdida na areia e salva cinquenta anos depois pelo capricho da própria areia".

Este nosso primeiro apelo é o mais fácil porque mais compreensível e mais rápido de ser realizado e, além disso, por ter um endereço certo e ser

dirigido a um Instituto que, apesar da proverbial pobreza em verbas, tanto tem feito pelo nosso patrimônio artístico e cultural e que, por isso mesmo, tem todas as possibilidades de amparar a idéia de um possível tombamento para a igreja de N. S. de Almofala.

Já o nosso segundo apelo é bem mais difícil; é que vai dirigido aos nossos cineastas, intelectuais e técnicos, a todos os que, fazendo cinema, se interessam pela nossa história.

Claro que terá que haver um enredo; é óbvio também que a estória contada nestas páginas teria que se encaixar nas malhas do enredo admitido. Entrementes tomamos a liberdade de apresentar alguns pensamentos esparsos colhidos em um singelo periódico — “O Mensageiro da Fé” — publicado em Fortaleza e cujo autor ignoramos mas cujo conteúdo feito de imagens tão plásticas e tão sentidas, leva, fatalmente, à concepção de um filme. Vejamos algumas dessas notas:

“... nos fins do século XIX, uma grande duna levada pelas correntes de ar, começou a mover-se vagarosamente na direção da igreja...”

“... o vigário notou que era preciso tomar uma providência dirigindo, então, um apelo ao bispo, para transportar as imagens para Itarema...”

“no dia em que tiraram os santos, a areia caía pesada sobre o telhado...”

“... depois procurou formar com os fiéis uma procissão. Ai então despertou no coração destes, toda uma saudade de sua velha igreja, das imagens queridas de seus santos. Houve reação. Alguns pegaram uma imagem de S. Miguel, outros uma N. Senhora e saíram correndo...”

“... ao menos que ficassem na aldeia, numa das casas melhores...”

“... o sino foi retirado entre cânticos. E a procissão partiu dolente levando o que podia e entregando à areia a velha igreja...”

“... Até o ano de 1935 a duna ali permaneceu, como um lençol pesado e triste, ou melhor, como uma mortalha. Mas neste ano, a pedra ponteguda no cimo da duna, começou a crescer. Uma alegria incrível encheu o coração da pobre população. Sim, os ventos mudaram de direção e a duna se afastava...”

"... o trabalho das correntes aéreas durou anos. Descobriu a torre, depois as cornijas mais altas, até que em 1940 só havia areia dentro da igreja. A duna já estava a 800 metros de distância..."

"... em Janeiro de 1944, numa missão pregada com muito fruto, fez-se a trasladação das imagens e do sino para o seu verdadeiro lugar..."

E, como se não bastassem os pensamentos acima, prenes de evocação simbólica, verdadeiros quadros de intensa dramaticidade a reforçar os argumentos aduzidos a favor de um filme, trasladaremos, aqui, mais uma página do Pe. Tomás relativa agora, ao episódio cômico do torém presenciado pelo sacerdote:

"... Quando lá chegamos já havia muita gente, uns por curiosos como eu e meu companheiro, outros que deviam tomar parte no folguedo.

Veio colocar-se no centro da área um caboclo de meia idade, robusto e simpático, embulhando um maracá: era o diretor da função.

Ao lado via-se uma bacia de folha e uma xícara pousadas sobre um tamborete e debaixo deste um garrafão de aguardente.

A bacia e o garrafão de cana, segundo me informaram, estavam ali em substituição à cuia e à cabaça de mocororó, a qual por sua vez tinha substituído o pote de cauim usado primitivamente em semelhantes funções.

Os sons vibrantes do maracá tangido repetidas vezes pela ágil destra do "mestre-sala" anunciaram que a festa ia principiar. Fiz-me logo todo olhos e ouvidos.

Da multidão ali reunida indistintamente adiantou-se para a área um homem seguido por uma mulher, depois outro cavalheiro com a sua respectiva dama, e assim sucessivamente foram saindo até uns 12 ou 14 pares que vieram, formando um círculo perfeito, colocar-se à roda do presidente. Ali postados, dando-se as mãos e conservando-as presas entre si, formaram uma cadeia viva que começou a girar em torno do chefe.

Este agitou de novo o maracá, mais brando agora, e ao compasso do mesmo entoou uma quadra a que os dançantes responderam em coro, cantando outra. E, dançando, continuaram alternativamente o canto, no qual não sei se lembravam histórias de amor ou se guerreiras façanhas de alguns dos seus heróis, pois era expresso numa algaravia estranha de que não entendi uma única palavra.

Depois de executados inúmeros giros, cessaram a um tempo a dança e o canto, e uma das damas, destacando-se do círculo, encaminhou-se

para o tamborete e, vazando na bacia uma porção de aguardente do garrafão, apresentou-a gentilmente ao diretor.

Este mergulhou a xícara na bacia e levou-a sófregamente aos lábios; depois deu um grande estalo com a língua no céu da boca e... repetiu a primeira operação.

Servido o chefe, a encarregada das libações percorreu todo o círculo, apresentando a cada um dos convivas a bacia, enquanto a xícara ia passando de mão em mão, até que foram todos servidos, sendo ela a última a desalterar-se, mas em compensação, duplicando o "gole", a exemplo do chefe.

Findo o beberete, recomeçaram mais animados a dança e o canto que, a breves intervalos, foram de novo interrompidos para a segunda e terceira distribuição de aguardente.

Em breve começaram a manifestar-se claramente em todos os convivas os variados efeitos da bebida, e já a dança e o canto eram entremeados de saltos e berros, quando felizmente uma cena burlesca veio pôr termo à função.

Um dos dançadores saiu precipitadamente do círculo e, de um pulo, encarapitou-se nos ombros do mestre-sala, em cuja cabeça pôs-se a bater compasso com o maracá que lhe arrancara da mão, enquanto com roufenha voz lhe ia arremedando o canto. Ao invés do Tritão dos Lusíadas que cavalgando por Dione, lhe sentia o peso.

"De soberbo com carga tão formosa" o pobre caboclo cujas pernas vergavam ao peso do importuno cavalheiro, dava as mais inequívocas provas de seu vexame e repugnância, procurando a todo transe desvencilhar-se dele.

Depois de vários saltos e cabriolas pôde afinal, com grandes esforços, alijar de si o desgraçoso fardo, entre os gritos, apupos e gargalhadas dos circunstantes.

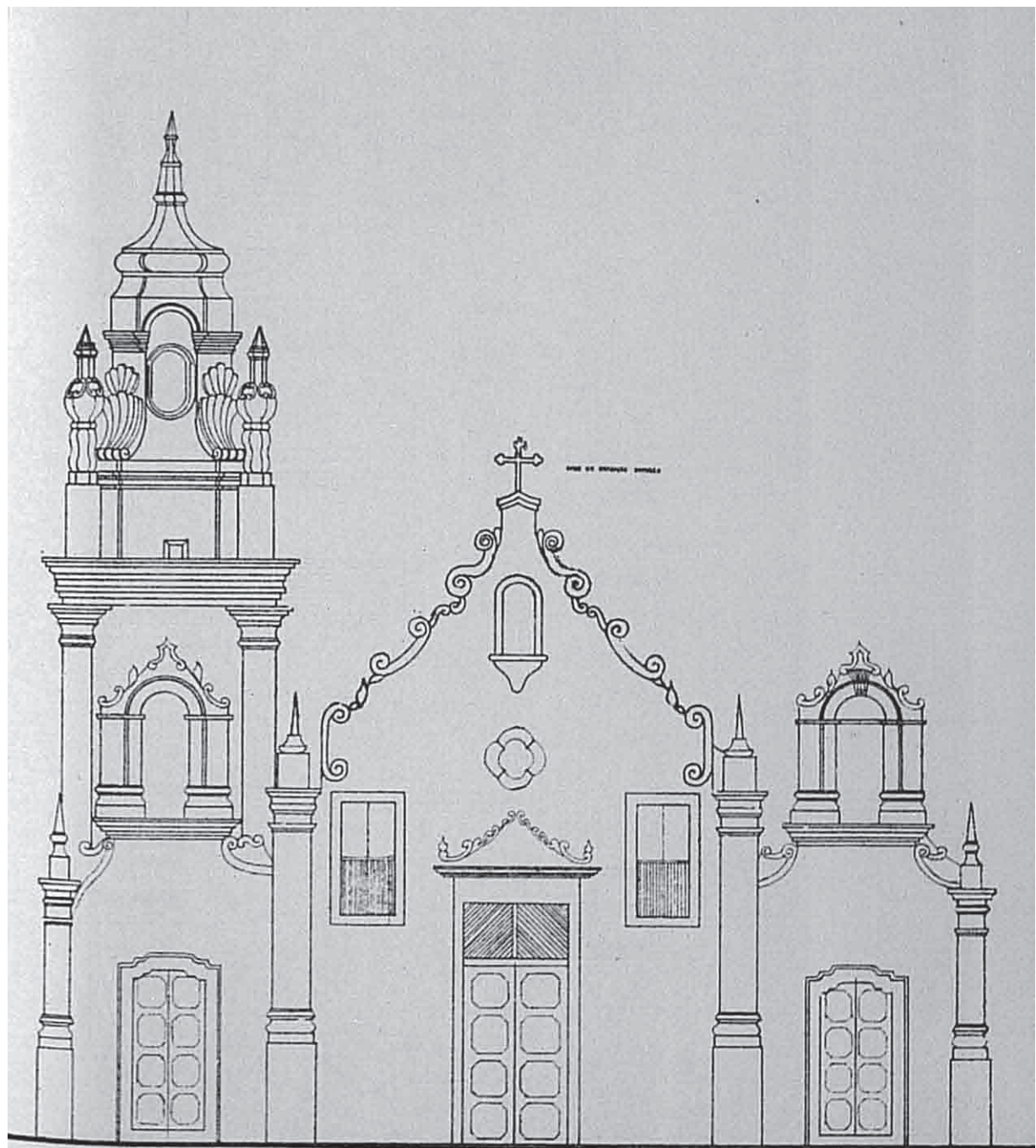
E assim acabou-se o "torém."

Finalizando lembraremos aos cineastas todo o potencial de beleza existente naquela terra: o céu azul; as jangadas de velas coloridas; o verde mar; o pescador com seus samburais; as dunas; o vento carreando a areia, encurvando os coqueiros e adoidando as gentes; o chão duro, ressequido; o sol a queimar impiedosamente o arvoredado e a curtir as peles dos homens; as crianças, as mulheres, os velhos, toda uma procissão de gente sofrida numa terra sofrida... e, então lembramos o poeta, a quem pedimos licença para parodiar:

... onde estão os cineastas de minha terra,
onde estão eles que não vêm filmar?

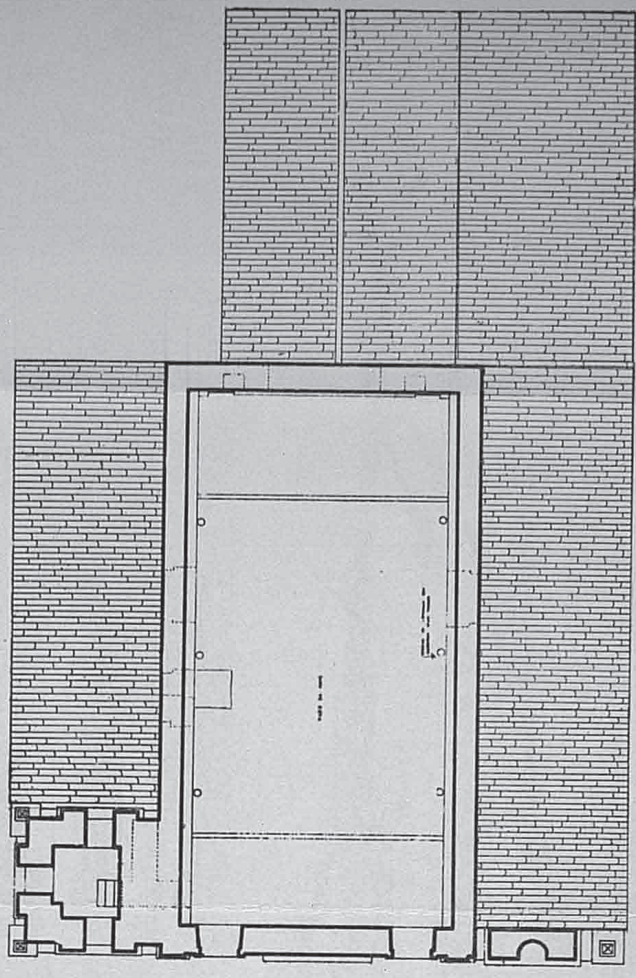
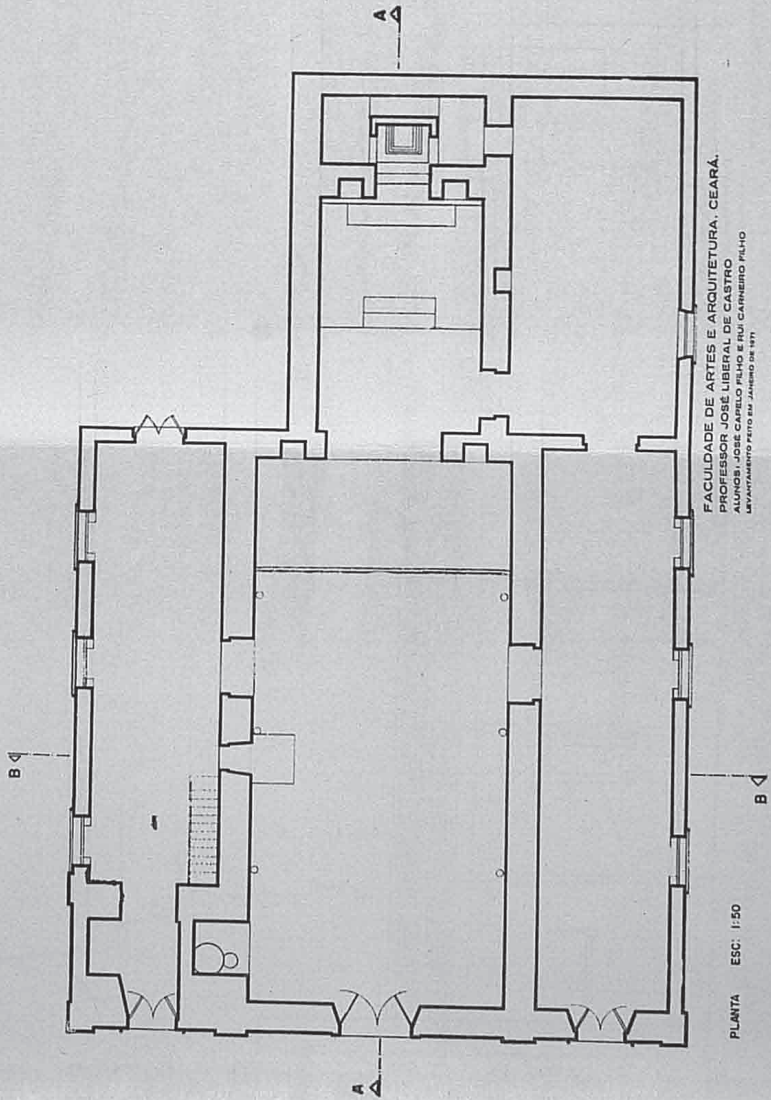
1. BIBLIGRAFIA

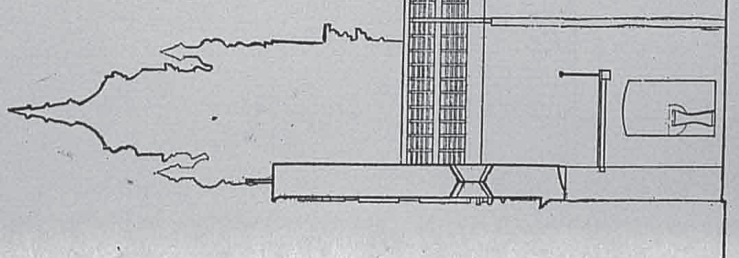
- 1.1. AZEVEDO, Carlos de — Goa, Damião and Diu. *The Geographical Magazine*. London. p. 53-67, II. 1954.
- 1.2. BARROZO, Gustavo — *A margem da História do Ceará*. Fortaleza. Imprensa Universitária do Ceará. p. 111-118. 1964.
- 1.3. BAZIN, Germaln. *L'architecture religieuse baroque au Brésil*. Paris, Plon. 2v. II. 1956-58.
- 1.4. BEZERRA, Antônio — *Notas de Viagem*. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará. p. 379. 1965.
- 1.5. BRAGA, Renato — *Dicionário Geográfico e Histórico do Ceará*. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará. p. 79-99. 1964.
- 1.6. ——— *História da Comissão Científica de Exploração*. Fortaleza. Imprensa Universitária do Ceará.
- 1.7. COSTA, Lúcio — A arquitetura jesuítica no Brasil. *Rev. do SPHAN* (5): 9-104, 1941.
- 1.8. FRANÇA, José Augusto — *Lisboa Poblina e o iluminismo*. Lisboa Horizonte, p. 30-32. 1965.
- 1.9. LIBERAL, José — *Almofala*, Fortaleza, 1965. (notas datilografadas).
- 1.10. MARIANO F.^o, José — *O pseudo estylo barroco-Jesuítico e suas relações com arquitetura tradicional brasileira*. *Estudos Brasileiros* (9):259-291, nov./dez. 1939.
- 1.11. OGRIEZEK, Doré — *le Portugal*. Paris, edition Odé, 1950.
- 1.12. SANTOS, Reynaldo dos — *História da arte em Portugal*. Porto, Portucalense, v.3, p. 58. 1942-1953.
- 1.13. ——— *Oito séculos de arte portuguesa*. Lisboa. Notícias, s.d. v.2.
- 1.14. SÃO PAULO, Universidade. Faculdade de Arqunjtetura e Urbanismo. Cadeira n.º 20. *Arquitetura Barroca* (por) Robert C, Smith. São Paulo, FAU, 1962.
- 1.15. SMITH, Robert Chester — *The art of Portugal: 1500-1800*. London, Weindensfeld (c1968).
- 1.16. ——— *Arquitetura Colonial*. (trad. de L. Borba) Salvador, Liv. Progresso Editora, 1955.
- 1.17. ——— *Arquitetura jesuíta no Brasil*; trad. de Eunice R. Costa. São Paulo, FAU, 1962.
- 1.18. ——— *O caráter da arquitetura colonial do Nordeste*. *Estudos Brasileiros* (10): 419-430 jan./fev. 1940.
- 1.19. ——— *The colonial churches of Brasil*. Washington, Bul. of the Pan American Union, 1938.



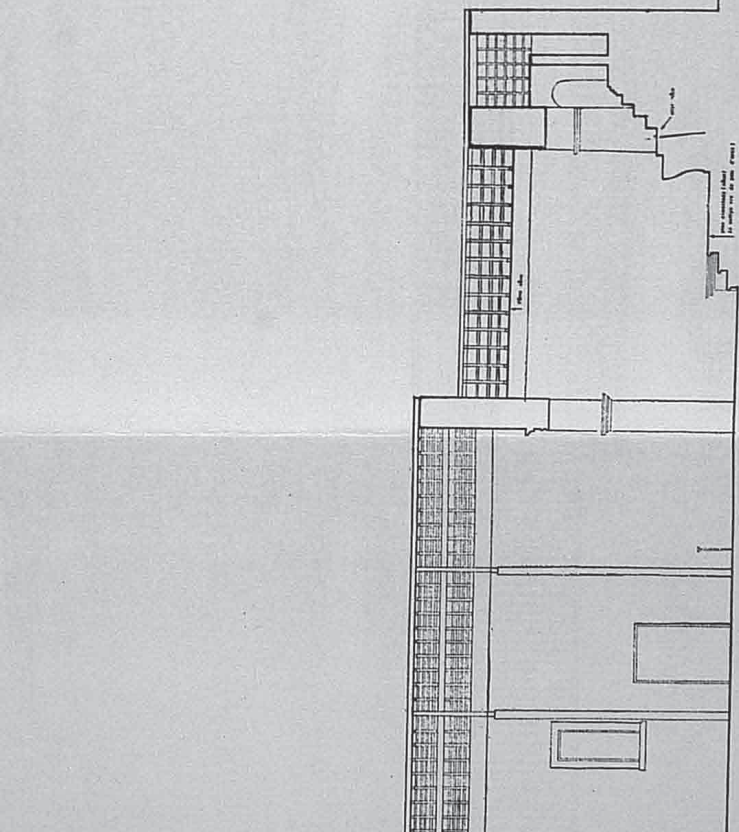
FACHADA OESTE - ESC: 1:50

FACULDADE DE ARTES E ARQUITETURA, CEARÁ
PROFESSOR JOSÉ LIBERAL DE CASTRO
ALUNOS: JOSÉ CAPELO FILHO E RUI CARNEIRO FILHO
LEVANTAMENTO FEITO EM JANEIRO DE 1971



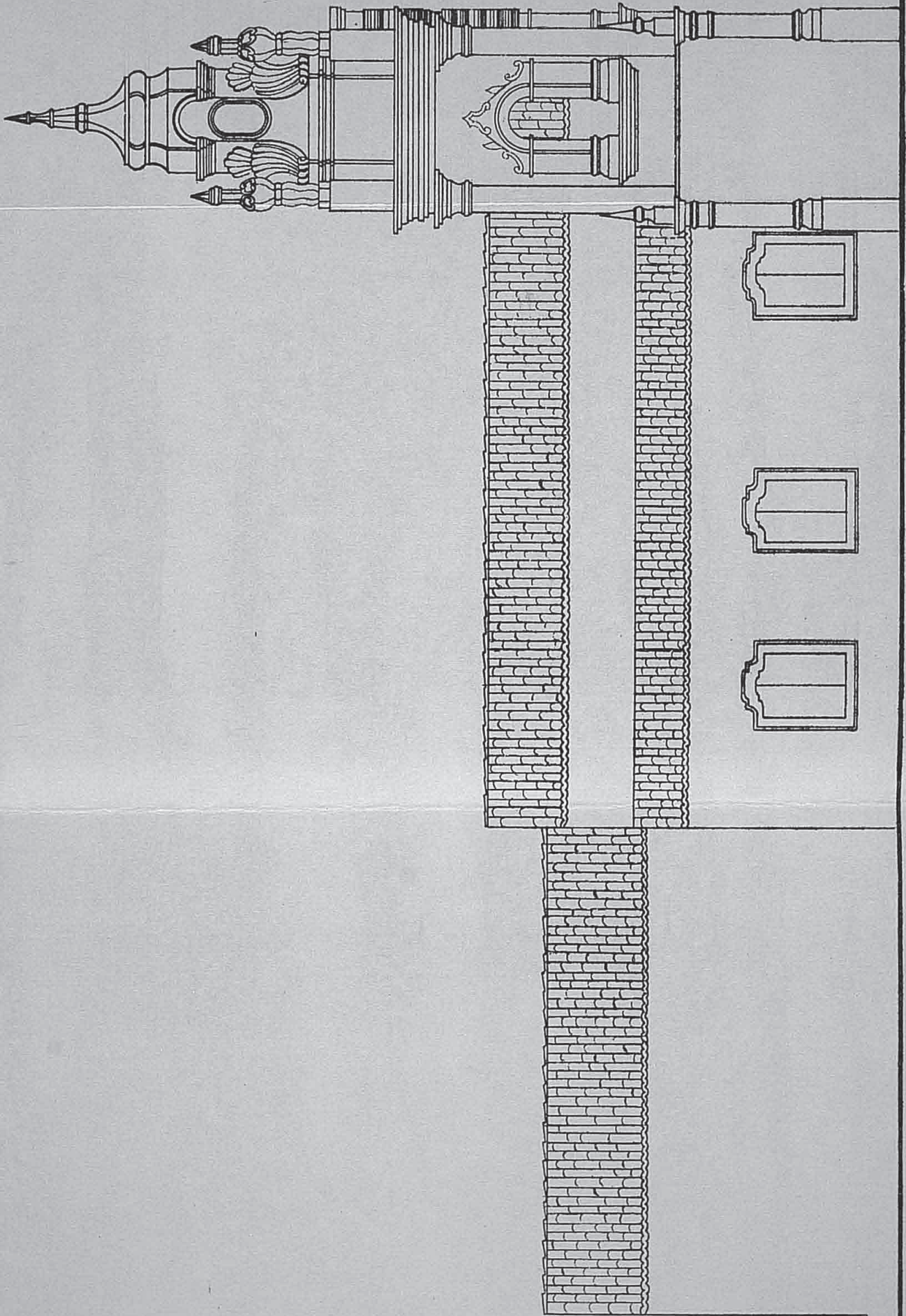


CORTE AA - ESC 1:50



CORTE BB - ESC 1:50

FACULDADE DE ARTES E ARQUITETURA, CEARÁ.
PROFESSOR JOSÉ LIBERAL DE CASTRO
ALUNOS: JOSÉ CAPELO FILHO E RUI CARNEIRO FILHO
LEVANTAMENTO FEITO EM JANEIRO DE 1971



FACULDADE DE ARTES E ARQUITETURA - CEARÁ.
PROFESSOR JOSÉ LIBERAL DE CASTRO
ALUNOS: JOSE CARPELO FILHO E RUI CARNEIRO FILHO
14/07/2010 PERTO DE JULIANO DE 1971

FACHADA SUL ESC. 1:50